

Marcas Das Experiências Sociais e Interculturais de Estudantes em Mobilidade Internacional: Dos Laços de Amizade aos “Perrengues”

Antônia Darliane da Silva – darlianesud@hotmail.com

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros – cintia@ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Janduhy Camilo Passos – janduhycamilopassos@hotmail.com

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Área temática: Estudos Organizacionais

Resumo

Entre as mudanças ocorridas quanto ao mercado de trabalho global, emerge a exigência por um perfil profissional com uma visão intercultural, entre outras características. Desde o início dos anos 2000, o governo brasileiro intensificou sua atuação nos programas de mobilidade estudantil de nível superior em âmbito internacional. No mesmo compasso, as universidades brasileiras também estimulam os estudantes à prática do intercâmbio, aderindo aos diversos programas de mobilidade nacional e internacional. Jovens estudantes que embarcam nesses programas têm expectativas e motivações quanto a sua participação. Porém, muitos desafios são encontrados quando a opção é viver em outro país. Esta pesquisa tem como objetivo reunir e analisar experiências sociais e culturais de estudantes de administração da FAGEN/UFU durante o período vivido em mobilidade internacional. Para tanto, adotamos como procedimentos metodológicos entrevistas semiestruturadas. Para compor o corpus de pesquisa, utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturada com oito estudantes do curso de Administração da Universidade Federal de Uberlândia que participaram dos programas de Mobilidade Internacional nos últimos dois anos. Para a análise do corpus de pesquisa, utilizamos a técnica de análise de conteúdo. Como resultados, identificamos que as experiências sociais dos estudantes em mobilidade internacional são marcadas por laços de amizade, aventuras, conhecimento, fala negociada e “perrengues”.

Palavras-chave: Mobilidade estudantil; Interculturalidade; Intercâmbio.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, abordamos a mobilidade estudantil, delimitando-nos às experiências sociais e culturais dos estudantes do curso de administração da UFU que participaram dos programas de mobilidade internacional. O tema abordado é relevante visto sua atualidade e a importância que adquire no cenário internacional, face aos processos de globalização. Segundo Mazza (2011), o Brasil possui convênios com cerca de 50 países em desenvolvimento para receber estudantes em universidades públicas e privadas em todo o território nacional. Trata-se do “Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado em 1920 e administrado desde 1964 pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) e pelo Ministério da Educação (MEC). Em 1983, foi instituído o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação

(PEC-PG) em parceria com a CAPES/MEC e com o CNPq/Ministério da Ciência e Tecnologia” (MAZZA, 2011, p. 4). O Governo Federal brasileiro criou, em julho de 2011, seu principal programa de mobilidade estudantil, o Ciência Sem Fronteiras (CsF), o Programa Brasileiro de Mobilidade Científica no qual áreas de estudo como tecnologia, engenharia, ciência e matemática foram apontadas como iniciativas estratégicas para o programa de bolsas de estudos. O intercâmbio passou a incentivar a preparação de jovens estudantes para uma economia mundialmente competitiva. O Programa Brasileiro de Mobilidade Científica foi planejado para situar o Brasil de maneira positiva em uma economia política competitiva (SPEARS, 2014).

No cenário atual, a mobilidade estudantil internacional nasce como uma das alternativas para aprimorar o conhecimento de maneiras diversificadas. Segundo Guimarães (2013), a mobilidade internacional estudantil começou na Europa no final do século XX, possibilitando uma evolução na conduta acadêmica, que ocasionou uma unificação de metodologias de ensino por parte das universidades para que isso pudesse acontecer.

Diante dessas considerações, a questão que orienta esta pesquisa é: Como se configuram as experiências sociais e culturais de estudantes de administração da FAGEN/UFU durante o período vivido em mobilidade internacional? Para responder a essa questão, nesta pesquisa, estabelecemos como objetivo reunir e analisar experiências sociais e culturais de estudantes de administração da FAGEN/UFU durante o período vivido em mobilidade internacional. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, sendo o corpus de pesquisa composto por entrevistas semiestruturadas com estudantes que participaram dos programas de mobilidade Internacional.

Inicialmente, apresentamos a revisão da literatura com os conceitos de mobilidade estudantil. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos e discutimos os resultados encontrados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, incluindo as implicações da pesquisa, bem como sugestões para futuros estudos.

2 MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL NO ENSINO SUPERIOR

De acordo com Sebben (2007), o que hoje se conhece como mobilidade estudantil teve início antes do nascimento de Cristo, quando jovens dirigiam-se para a Grécia com o objetivo de melhorar seus estudos e, posteriormente, poder voltar para seu país de origem e ajudá-los. Com o passar do tempo, esse tipo de viagem aumentou, igualmente com o desenvolvimento dos transportes e da comunicação, na era da Revolução Industrial.

Historicamente, as viagens de caráter educativo foram incentivadas a partir do século XVIII. Com o crescimento do capitalismo no início do século XIX, e do momento em que a Europa aumentou seu desenvolvimento apoiado na industrialização e na racionalização do trabalho, essas viagens que objetivavam o crescimento pessoal começaram a progredir e ficaram conhecidas como o Grand Tour, um programa (viagem de estudos) que tinha “valor de um diploma que lhes conferia significativa status social, embora – na realidade – a programação se fundamentasse em grandes passeios de excelente qualidade e repletos de atrativos prazerosos” (ANDRADE, 1998, p. 16).

De acordo com Guimarães (2013), a mobilidade internacional iniciou-se na Europa no final do século XX, tendo proporcionado um desenvolvimento no comportamento acadêmico, levando as universidades a unificar suas metodologias de ensino para que isso possa ocorrer. O principal objetivo era qualificar os estudantes para o mercado de trabalho, a fim de criar um

padrão distinto dos demais continentes, mantendo a taxa de empregabilidade. Entretanto, esta mobilidade beneficia os países menos desenvolvidos que também possuem a possibilidade de enviar seus estudantes para estudar nas principais Universidades Europeias, desenvolvendo em outros países estudantes qualificados para trabalharem em seu país de origem, com conhecimentos mais elaborados, favorecendo o ensino aos que não tiveram tal oportunidade.

Com o término das Grandes Guerras, a mobilidade de docentes europeus para instituições dos E.U.A. inaugura a internacionalização da educação como estratégia capaz de enriquecer o desenvolvimento. A partir daí, a quantidade de acadêmicos originários de países considerados subdesenvolvidos tem aumentado em direção aos grandes centros, onde a abertura para o exterior, o contato com outras culturas, e o domínio de línguas estrangeiras tornaram-se aspectos importantes na formação de elites cosmopolitas (LIMA et al., 2009).

Portanto, a mobilidade acadêmica não é um acontecimento recente, na realidade é fruto do desenvolvimento tecnológico ligado à globalização econômica, e à ascensão do padrão de competitividade e concorrência entre as economias dos países do mundo (LIMA et al, 2009). O aprimoramento dos transportes, das tecnologias da informação, internet etc. contribuíram com a internacionalização de diversas instituições de ensino superior, tornando esse elemento uma figura visível da globalização.

Para Silva (2013, p. 50), a mobilidade internacional acadêmica é o principal elemento da “internacionalização do ensino superior. Tem significado político e econômico, além de consequências acadêmicas. As forças de mercado desempenham papel efetivo no aumento da demanda por um período de estudos no exterior”. Para alguns autores, como Stalliveiri (2003), a internacionalização da educação é um dever das universidades. Oferecer aos seus estudantes a possibilidade de experiências internacionais para que se tornem mais qualificados para o mercado mundial faz parte das atribuições das.

A mobilidade acadêmica é definida por Silva (2013, p. 43) como “Um período de estudo, ensino e ou pesquisa em um país que não seja o país de origem do estudante [...]. Este período é de duração limitada, e prevê-se que o estudante ou funcionário retorne ao seu país de origem após a conclusão do período designado”. O autor inclui na sua definição a dimensão virtual, caracterizada através da educação a distância, como uma oportunidade de mobilidade acadêmica. Nesta definição estão inseridas também duas categorias importantes da mesma mobilidade. Trata-se da mobilidade espontânea, onde todo o programa “depende exclusivamente da iniciativa do estudante ou de sua família, que financia sua viagem e estadia no exterior sem auxílio ou orientação institucional” (SILVA, 2013, p. 43). Quanto à mobilidade institucional, é aquela realizada através de programas de intercâmbios, onde ocorre a seleção dos estudantes, preparação para viver a experiência no exterior e ainda, em alguns casos, auxílio financeiro por meio de bolsas de estudos (MURPHY; LEJEUNE, 2008).

Nesse contexto, a palavra “intercultural” adquire importância cada vez maior nas instituições acadêmicas. Além das consequências oriundas da globalização econômica, houve um significativo crescimento na elaboração e na transmissão de informações, que, através da internet e de diferentes meios de comunicações, eliminou limites geográficos, diminuiu o desconhecimento de umas nações sobre as outras e iniciou outras formas de sociabilidade. Todos esses elementos têm incentivado a necessidade do entendimento intercultural em diversos domínios da existência social. O meio acadêmico, os pesquisadores com maior reputação são aqueles que estudam no exterior, trabalham em conjunto com cientistas do mundo inteiro e publicam internacionalmente (FREITAS, 2009).

Para Contel e Lima (2007), nações com um sistema educacional experiente (disponível e relacionado com a época histórica) podem treinar seus habitantes para os desafios oriundos da modernidade. Porém, está ocorrendo uma “privatização” do conhecimento que é fornecido nas Universidades, onde os professores agem como especialistas fornecendo conhecimento fundamentado na ciência. Na visão de Beck (1999) e Ianni (1995), o número de indivíduos em mobilidade estudantil está em constante crescimento, já que as universidades e organizações se inserem no mundo globalizado e concorrente internacionalmente. O mundo encontra-se em constante processo de integração social, política, cultural e econômica, encorajado historicamente pela necessidade de diminuição de preços dos meios de comunicação e transporte dos países no início do século XXI. É nesse sentido que as instituições acadêmicas têm firmado acordos ao redor do mundo, enviando seus estudantes para outros países para que esses consigam aprimorar os conhecimentos obtidos na universidade de origem em um local diferente, ganhando experiência na área de sua formação.

Tomazzoni e Oliveira (2013) afirmam que o intercâmbio proporciona experiência para ambas as partes, tanto para o indivíduo que vive outra realidade quanto para quem recebe o intercambista. Ademais, o intercâmbio proporciona desenvolvimento pessoal em ambiente desconhecido. Uma das dificuldades é manter o próprio bem estar no país estrangeiro. Com as diversas modalidades de mobilidade internacional, o estudante desenvolve habilidades que contribuem para o crescimento de sua carreira profissional, como afirmam Lima et al (2009). Para esses autores, a mobilidade internacional amplia o capital intelectual e contribui para o desenvolvimento de competências valorizadas pelo mercado de trabalho conforme favorece o amadurecimento emocional dos jovens.

Outras habilidades apontadas por Barblan (2002) e Stalliveiri (2009) estão relacionadas com o entendimento mais profundo em relação aos conflitos do mundo, uma maior compreensão de outras culturas, comunicação intercultural. Já Murphy e Lejeune (2008) são objetivos quando concluem que a mobilidade acadêmica constitui um período de estudos no exterior, onde a duração pode ser de vários meses até um ano letivo e que, dessa forma, favorece para o contato direto com idiomas e diferentes culturas. Além disso, ao viver uma experiência internacional, o estudante precisa se adaptar a um país com outra cultura, outras realidades sociais e que, possivelmente, iniciará uma revisão de valores.

Seguindo por esta linha de pensamento, Hill et al (2012) afirmam que a mobilidade acadêmica é uma forma de socialização secundária do indivíduo. Ao participar da mobilidade, o indivíduo consegue obter várias oportunidades e se beneficiar dessa diversidade. Entretanto, a mobilidade inclui oposição e conflito com as diferenças, o que requer inúmeras habilidades para se adaptar e desenvolver novas competências. Deste modo, a mobilidade acadêmica se caracteriza por uma maneira de aprendizado que amplia os horizontes do indivíduo (HILL et al, 2012).

Silva e Lima (2013) afirmam que a mobilidade internacional estudantil é desejada por todos, pois proporciona aos países de destino a afirmação da superioridade acadêmica e benefícios em termos políticos, econômicos e culturais. Porém, Lima et al (2009) destacam que o fluxo de estudantes internacionais é desigual à medida que desperta mais interesse entre os indivíduos originários dos países subdesenvolvidos (Coréia, Turquia, Marrocos, México, Brasil, etc.) do que dos países desenvolvidos – enquanto os EUA acolhem 26% dos estudantes internacionais, enviam 2%. Já no Brasil, ainda há pouco interesse no assunto, talvez devido à grandeza continental do país, à inexistência de demanda de compensações históricas frente aos colonizadores e a concordância social sobre o fato de sermos uma nação e uma cultura influenciados por diversos povos e culturas (FREITAS, 2009).

Para Spears (2014), a mobilidade estudantil no Brasil, chamada de intercâmbio não é um acontecimento novo. Segundo Luna e Sehnem (2013), a mobilidade estudantil se aprimorou e se expandiu para programas de maior variedade e extensão em número de estudantes, professores e instituições. Os referidos autores citam como exemplo de programas de mobilidade estudantil o Erasmus, na Europa e o Ciência sem fronteiras no Brasil. Silva (2013) acha importante destacar que o Brasil contribui para ampliar o crescimento de mobilidade acadêmica, pois, “segundo o relatório Education at a Glance - 2012 divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – OCDE, o país enviou, em 2010, 34.510 estudantes para um período de estudos no exterior.” (SILVA, 2013, p. 14).

Sob este ponto de vista, Luna e Sehnem (2013) afirmam que programas de mobilidade estudantil destinam-se a construir um espaço acadêmico cada vez mais competitivo e situado internacional e interculturalmente. Além do estudo científico e o currículo estarem mais internacionalizados, os intercambistas carregam consigo a necessidade das descobertas e socialização ligadas à realidade global.

O crescimento dos programas de mobilidade no país motivou o interesse por pesquisas sobre o tema (LIMA et al., 2009; MAZZA, 2011; GUIMARÃES, 2013; SPEARS, 2014; entre outros), as quais investigaram sua importância, benefícios e desafios, apontando que a mobilidade estudantil internacional no Brasil é um fenômeno complexo, o que cria uma abertura para novos estudos sobre o tema.

2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa de natureza qualitativa (FLICK, 2009) trata do intercâmbio estudantil, com o objetivo de reunir e analisar experiências sociais e interculturais de estudantes de administração da FAGEN/UFU durante o período vivido em mobilidade internacional. Os entrevistados são estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, uma instituição pública federal que tem empregado esforços para fortalecer a mobilidade internacional de seus estudantes. A Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRII) da Universidade Federal de Uberlândia gerencia os programas de mobilidade de interesse da instituição. Como forma de mobilidade internacional, a UFU utiliza o Programa Ciência Sem Fronteiras para enviar seus estudantes para países estrangeiros, além de convênios com países da América do Sul, Canadá e países Europeus, além da China. O programa tem como objetivo promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. Quanto à mobilidade nacional, há o Programa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) – que possibilita ao estudante estudar em outra Universidade Federal de Ensino Superior no país.

Para compor o corpus de pesquisa, utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturada (FLICK, 2009) com 08 estudantes do curso de Administração da UFU que participaram dos programas de Mobilidade Internacional nos últimos dois anos (Figura 1).

Figura 1: Perfil dos entrevistados

Perfil dos Entrevistados						
Nome	Idade	Sexo	País de destino	Tempo de intercâmbio (meses)	Universidade	Bolsa
Bianca	24	F	EUA	07	University of California, Davis	Não
Davi	23	M	Holanda	12	NHTV Breda University of Applied Sciences	Não

Fernando	24	M	Portugal	06	Universidade do Algarve	Não
Laura	24	F	França	12	Université de Franche - Comté	Não
Natália	24	F	Holanda	07	NHTV Breda University of Applied Sciences	Não
Rafaela	23	F	Espanha	05	Universidade de Vigo	Não
Sietst	25	M	Holanda	11	NHTV Breda University of Applied Sciences	Não
Washington	23	M	Espanha	05	Universidade de Vigo	Não

Fonte: Dados de pesquisa

Os entrevistados possuem idade entre 23 e 25 anos, sendo metade do sexo feminino e outra metade do sexo masculino. Os países de destino foram Portugal, Estados Unidos, Holanda e Espanha, nações com as quais a UFU mantém um acordo bilateral de mobilidade estudantil. O tempo médio de intercâmbio durou aproximadamente 08 meses e nenhum dos entrevistados recebeu bolsa.

O roteiro de entrevistas foi elaborado com base no objetivo da pesquisa, focalizando as motivações, expectativas, desafios, benefícios percebidos e lembranças importantes. As entrevistas foram realizadas entre maio de 2015 e junho de 2015 e tiveram duração média de 30 minutos. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e, posteriormente, foram transcritas, resultando em 32 laudas. É importante destacar que os entrevistados foram identificados através de nomes fictícios por eles atribuídos. Ao iniciar as entrevistas, indagamos aos entrevistados qual o nome que ele (a) gostaria de ser nominado (a) e, assim, utilizamos esses nomes para identificá-los nesta pesquisa.

Após a realização e transcrição das entrevistas, utilizamos a análise de conteúdo temática, que, segundo Bardin (1979), é um método de pesquisa que tem como foco a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do objeto manifesto da comunicação. Inicialmente, na etapa da pré-análise, realizamos a leitura flutuante e organizamos o material a fim de ser analisado com o intuito de transformá-lo em operacional, estruturando as informações iniciais, como a determinação das temáticas para a unidade de análise.

Na segunda etapa, estabelecemos os códigos de acordo com as categorias de análise previamente estabelecidas considerando os objetivos da pesquisa e o roteiro de entrevista, quais sejam: motivações, expectativas, desafios, benefícios percebidos e lembranças importantes. Na etapa de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, agrupamos os trechos que correspondem às categorias analíticas para possibilitar a análise dos temas mais recorrentes, os quais são apresentados e discutidos na seção seguinte.

4 EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E INTERCULTURAIS DOS ESTUDANTES

Nesta seção, apresentamos os resultados da pesquisa. Os entrevistados foram indagados sobre as motivações, expectativas, experiências, desafios e lembranças importantes que tiveram durante a realização da mobilidade estudantil.

4.1 Motivações dos estudantes para realizar a mobilidade internacional

Os principais motivos citados pelos entrevistados foram o desejo de aprimorar a língua estrangeira e conhecer outros países. O aprimoramento da língua estrangeira foi citado por 7 dentre os 8 entrevistados como o principal motivo para estudar no país de destino.

Entre os entrevistados, é possível notar que a maioria desejava aprimorar o idioma que havia estudado e começado a aprender no Brasil, como forma de adquirir um diferencial profissionalmente. Washington, por exemplo, diz que “Quería aprimorar o espanhol porque

era mais fácil de aprender e dominar mais rápido e havia feito um cursinho e não tinha o domínio da língua, queria ter um diferencial", e Rafaela expõe que "Eu já estava estudando a língua espanhola, por isso queria fazer o intercâmbio para desenvolver a língua".

Já Fernando preferiu realizar o intercâmbio estudantil em um país onde o idioma fosse semelhante ao do Brasil para ter facilidade na hora da comunicação com os outros indivíduos. No seu depoimento, Fernando conta que "Escolhi este país por causa da língua ser parecida com a do Brasil, quando você chega lá é uma facilidade falar a mesma língua, para pedir ajuda, se comunicar melhor". Para os entrevistados, o idioma do país de destino foi característica importante na escolha deles, todos desejavam ter um diferencial que contribuísse futuramente para a vida profissional. Os entrevistados afirmaram que gostariam de obter fluência no idioma, como, por exemplo: Davi: "Na época era o único lugar onde a UFU tinha convênio e que era de língua inglesa, eu queria no mínimo ganhar a fluência em uma língua diferente" (DAVI).

Para Lima e Contel (2008), o intercâmbio estudantil é uma experiência única, visto que favorece a aprendizagem de línguas estrangeiras, a partir do contato diário com o idioma e todo contexto intercultural que uma experiência dessa natureza proporciona. O desejo de conhecer outro país e uma nova cultura foi justamente outra motivação bastante citada pelos estudantes como um motivo importante na escolha de fazer um intercâmbio internacional.

Os depoimentos dos entrevistados apontam o desejo de conhecer algo diferente, pessoas e culturas distintas, que contribuam profissionalmente para eles. Davi foi motivado por conhecer novas culturas: "Eu queria ter a experiência de estudar em um país diferente, buscar novas culturas, ter um contato com pessoas da minha área em outros países, aumentar meu *network*".

A maioria dos entrevistados teve preferência por países da Europa, cujas nações são desenvolvidas, e estavam dentre as opções de intercâmbio que a UFU possuía convênio e oferecia no momento, como é o caso de Rafaela: "Eu já tinha curiosidade de conhecer outro país, a UFU tinha convênios com outros países na América do Sul, mas eu queria ir para a Europa". Através da mobilidade, é possível aprender melhor culturas distintas, vivenciando-as no dia a dia. Além disso, é uma experiência que pode oferecer benefícios profissionais para os estudantes, pois potencializa o desenvolvimento de sua habilidade de adaptação, considerando-se o novo contexto que se inserem, além de aprimorar capacidades linguísticas.

4.2 Expectativas dos estudantes quanto à experiência de mobilidade internacional

As principais expectativas apontadas pelos estudantes entrevistados foram: independência, viajar, conhecer o novo (pessoas e lugares), um nível de ensino mais elevado do que no Brasil e adquirir mais conhecimento.

Os depoimentos dos estudantes entrevistados, de maneira geral, ressaltam a expectativa de alcançar uma liberdade e independência que normalmente os jovens tanto almejam. Assim como o desejo de conhecer melhor a si próprio, através do descobrimento de novas culturas e indivíduos, pois o intercâmbio proporciona tais oportunidades, caso saibam aproveitar ao máximo dessa experiência enriquecedora.

Natalia menciona a obtenção de experiência de liberdade e de se conhecer melhor, de "saber como eu ia me virar, queria também desenvolver o inglês, e para contribuir profissionalmente, porque eu acreditava e continuo acreditando que o intercâmbio é um diferencial" (NATALIA). Sietst também menciona a expectativa quanto à independência: "Eu queria

muito morar sozinho, ter essa vivência em outras culturas, viajar e ter mais independência”. Os demais entrevistados mencionaram a expectativa de viajar e conhecer o novo, e Fernando mencionou seu desejo de “vivenciar culturas diferentes, conhecer pessoas novas, queria também conhecer outros lugares, viajar bastante (FERNANDO). Craide e Silva (2012) afirmam justamente que a mobilidade estudantil fornece a oportunidade do encontro com um contexto culturalmente diferente em relação às suas origens. E esse encontro entre diferentes culturas no mesmo ambiente acadêmico torna-se positivo, pois todos são beneficiados pela diferença de opiniões.

A expectativa de que no exterior o nível de ensino fosse mais elevado foi compartilhado por Rafaela e Washington. Rafaela imaginava que o ensino no exterior seria mais rígido que no Brasil, mas não viu diferenças quanto a isso. E Washington ficou decepcionado:

Eu imaginava que as aulas me agregariam muito, que seria diferente do que estamos acostumados aqui no Brasil. Mas eu fiquei um pouco decepcionado, eu vi que nem é tão diferente daqui, existe professor realmente interessado em dar aula, existe professor que não [...] Mas foi bom para conhecer, porque a gente critica muito o Brasil, mas a gente não fica para trás em relação a Europa (WASHINGTON).

Em relação ao nível de ensino é possível notar através dos depoimentos, que alguns entrevistados se decepcionaram com o nível de ensino europeu. Os estudantes tinham uma visão de que o Brasil possuía um nível de ensino bem inferior aos países europeus, devido o fato de ser uma nação subdesenvolvida, mas ao deparar-se com a realidade específica da instituição escolhida, perceberam que a universidade e os estudantes europeus não eram tão superiores como imaginavam.

Entretanto, um ponto positivo que destacou-se foram as aulas práticas que tiveram, onde era possível compreender na prática as teorias estudadas anteriormente. Barblan (2002) afirma que o principal objetivo da mobilidade acadêmica é ampliar o conhecimento dos estudantes despertando um sentimento de cidadão do mundo. Ainda na parte de ensino, os entrevistados citaram como uma das principais expectativas o desejo em adquirir novos conhecimentos. Dos 08 entrevistados, cinco mencionaram que queriam aprender coisas e conteúdos diferentes do que normalmente estudavam e vivenciavam aqui no Brasil, pois almejavam um crescimento e amadurecimento tanto pessoal como profissional, conforme depoimento da estudante Natalia:

Esperava que fosse além de uma experiência acadêmica, que eu fosse aprender alguma coisa diferente do que tinha aqui na UFU, para me acrescentar em questão de carreira profissional, eu queria poder viajar, conhecer gente de todos os lugares. Então eu queria ter uma relação com outras culturas, entender quais são as diferenças que podemos encontrar, até para quando voltar ao Brasil ter uma mente mais aberta (NATALIA).

Os demais depoimentos também apontam para a expectativa de ampliar o conhecimento. Davi, por exemplo, tinha a expectativa de fazer um dos melhores cursos em logística do mundo, pois a escola de destino já foi premiada nessa área várias vezes, então, conforme suas palavras, “transmitia confiança pela qualidade do curso” (DAVI). O crescimento pessoal e vivência internacional são alguns resultados alcançados por aqueles que decidem participar de um intercâmbio, face à exigência cada vez maior do mercado de trabalho. A vivência em outro país concede uma visão diferenciada sobre diversos assuntos, amplia o conhecimento, fornece autoconfiança e maturidade, qualidades que tornam o indivíduo mais interessante para o futuro empregador.

Como Stalliveiri (2003) afirma, a internacionalização da educação é um dever das universidades. Os estudantes apontaram que as universidades de destinos estavam preparadas para recebê-los, o que sugere o reconhecimento dessa responsabilidade, pois não basta a

firmação de acordos e, ao relatarem suas experiências, evidenciam que adquiriram um entendimento mais amplo da dinâmica social e tinham a expectativa de aprender o novo. De acordo com Contel e Lima (2007), o desejo de aprender sobre novas coisas adquiriu um novo significado, pois as condutas do dia a dia demandam uma variedade de conhecimento para resolver os problemas que surgem no cotidiano. Fernandez (2002) afirma que a mobilidade é um meio de combate em favor da independência. Isso foi comum na fala dos entrevistados quando expuseram suas motivações.

4.3 Desafios enfrentados pelos estudantes

Os desafios citados pelos estudantes foram: o idioma, as interações com os nativos, moradia, saudade da família, as baixas temperaturas, diferenças culturais e o estágio na empresa internacional. Encarar desafios não é uma tarefa fácil, porém de acordo com Lima et al (2009), a mobilidade internacional amplia o capital intelectual e contribui para o desenvolvimento de competências valorizadas pelo mercado de trabalho conforme favorece o amadurecimento emocional dos jovens. Dentre os desafios mais citados pelos entrevistados, a dificuldade em conseguir falar e entender o novo idioma é com certeza o mais citado entre eles. No entanto, esse desafio foi superado e os estudantes conseguiram desenvolver a habilidade de fluência no idioma do país hospedeiro, como conta Natália “mas ao final do primeiro mês eu percebi que já estava entendendo muito mais fácil e conseguia acompanhar as aulas sem dificuldades, apenas um termo técnico as vezes que tinha maior dificuldade, minha escrita melhorou também.

De acordo com as experiências descritas pelos entrevistados em relação ao domínio do idioma, nota-se que a dificuldade maior foi a questão da fala, onde a maioria conseguia compreender o que estava sendo dito, porém ao tentar se expressar encontrava uma certa dificuldade, principalmente no primeiro mês de mobilidade. Boa parte dos estudantes relata que nos primeiros dias de intercâmbio sentiam-se travados e não conseguiam falar com tranquilidade o novo idioma, pois ainda sentiam insegurança com o que não dominavam. Mas depois de poucas semanas de convívio com o idioma, a comunicação tornava-se quase que automática e eles sentiam-se seguros em expressar-se falando uma nova língua.

Meu único problema com a língua é que no início eu era muito travado, mas depois de um tempo já falava sem pensar, passou a ser automático. Na minha turma não tinha nenhum brasileiro então eu falava muito inglês, para fazer trabalho, sair, tudo era em inglês, por isso consegui desenvolver rápido (SIETST).

Outro desafio mencionado pelos entrevistados está relacionado com a interação com os colegas de sala. Alguns relatos deixam claro que inicialmente houve certo estranhamento em relação ao comportamento dos estudantes nativos do país. Acostumados com o modo de comportar-se dos brasileiros, alguns sentiram-se desprezados com o comportamento mais reservado dos europeus, em virtude de boa parte do povo brasileiro mostrar-se espontâneo e receptivos.

Me senti desprezado no início principalmente pelos nativos da cidade, que parece que quem vinha de fora era inferior a eles, como eles já estavam acostumados com intercambistas não davam muita bola. Depois de um tempo ganhamos um certo reconhecimento deles pois demonstramos que éramos capazes assim como eles (WASHINGTON).

Muitos deles relataram algumas dificuldades que tiveram em relação ao convívio na universidade. Rafaela considerou a dificuldade de enturmar e conseguir interagir com as pessoas, o que não aconteceu com Natália, que tinha suas ideias aceitas pelo grupo: “eles aceitavam as minhas idéias para o trabalho, mas demorava mais, eu tinha que ser bem convincente, mas em algumas partes, como financeira, a gente conseguia conversar no mesmo nível” (NATALIA).

Apesar das diferenças culturais, desafios como estes são importantes e beneficiam o amadurecimento dos estudantes que se aventuram em um intercâmbio estudantil. Tomazzoni e Oliveira (2013) afirmam que o intercâmbio proporciona desenvolvimento pessoal em ambiente desconhecido. Uma das dificuldades é manter o próprio bem estar no país estrangeiro. Com a mobilidade internacional, o estudante desenvolve habilidades que contribuem para o crescimento de sua carreira profissional.

Outra dificuldade citada por 03 dentre os 08 entrevistados, foi o desafio em encontrar moradia, devido imprevistos que colocaram a prova suas habilidades em resolver problemas. Para Natalia, a moradia foi o maior problema encontrado:

Foi o maior problema que tive lá, porque só tinha contratos de seis meses ou de um ano e eu ia ficar lá sete meses por causa do curso. Todos os quartos que eu olhava na internet eram longe e mais caro e meu prazo foi acabando, minha sorte foi que descobri uma garota que ia ficar fora fazendo mestrado quatro meses, então aluguel o quarto dela que ia ficar vago (NATALIA).

Para Hill et al. (2002), a mobilidade inclui oposição e conflito com as diferenças, o que requer inúmeras habilidades para se adaptar e desenvolver novas competências. A mobilidade acadêmica se caracteriza por uma maneira de aprendizado que amplia os horizontes do indivíduo.

Três entrevistados ressaltaram que o desafio de encontrar moradia foi algo que os afligiu, tornando-se um obstáculo difícil de vencer. Dois deles encontraram tal dificuldade logo no início da mobilidade, o que foi considerado por eles como uma verdadeira aventura. Ainda quanto a esse aspecto, os costumes da população dos países de destino também influenciaram no encontro da moradia, conforme depoimento abaixo:

Por ser homem, tive um pouco de dificuldade em encontrar apartamento para morar, pois dão preferência para garotas, por acreditar que dão menos trabalho, fazem menos bagunça. Nos primeiros dias foi difícil encontrar um lugar para morar, mas dei sorte de conseguir um bom lugar, bem conservado (WASHINGTON).

Todavia, no final tudo acabou se resolvendo e estes desafios contribuíram para o crescimento destes estudantes. Conforme Hill et al. (2012) afirmam que a mobilidade estudantil, não se trata apenas de viver um período no exterior, mas de um meio de desenvolvimento pessoal. Essas viagens colaboram para o desenvolvimento de habilidades comunicacionais.

A saudade da família também foi um desafio para os estudantes entrevistados. Quando questionados sobre o relacionamento com a família durante o tempo em mobilidade internacional, metade dos entrevistados afirmou que a saudade da família ressaltou-se nos primeiros dias de intercâmbio, mas com o tempo foram se acostumando a conviver com a saudade. Além disso, as redes sociais foram importantes aliadas no combate contra a saudade da família, onde era possível manter contato constante com seus familiares. Apesar de aprender a conviver bem com essa saudade, havia épocas que eram mais difíceis de suportar, como em datas comemorativas ou nas tardes de domingo, mas o uso de tecnologias da informação e o apoio dos colegas contribuíram para amenizar esses desafios, como conta Laura: “não foi algo que me atrapalhou, porque um vai se apoiando no outro, está todo mundo na mesma situação, mas no domingo a tarde era a hora de maior depressão, então não ficávamos sozinhos”.

Alguns entrevistados afirmaram também que procuravam se ocupar e aproveitar a viagem ao máximo para não sentirem tanta saudade da família, como foi o caso de Rafaela:

Estando lá eu mantinha contato sempre. Em relação a saudade eu viajei bem tranquila, mas quando cheguei lá senti muita falta, o mais difícil para mim foi o primeiro mês, porque até eu me acostumar e me adaptar em uma casa nova, rotina

diferente. Mas depois foi mais tranquilo, comecei a interagir mais e a estar sempre ocupada (RAFAELA).

Washington conta que sentiu muita saudade e foi um desafio muito maior pela relação que tinha com os pais. Ele também fez a utilização das redes sociais mediadas pela internet:

A saudade da família foi um desafio desde o começo, [...] . Estando lá foi muito fácil a comunicação, através de WhatsApp, Skype, se eu tivesse ido uns períodos antes não tinha essas coisas, esses aplicativos, foi fácil manter o contato, falava com eles toda semana. No início tinha contato com minha mãe quase todo dia, depois ficou sendo semanal, meu irmão mais velho estava casando, eu até vim para o casamento, fiquei uma semana e voltei porque ainda tinha prova lá, as atividades dela aqui eram normais corriqueiras, então ela não ficava 24h comigo, mas falava com ela toda semana (WASHINGTON).

Apesar da saudade de casa e da família sempre existir, ao viver uma experiência internacional, o estudante precisa se adaptar a um país com outra cultura, outras realidades sociais e que possivelmente iniciará uma revisão de valores (SILVA, 2013). Assim como a locomoção, algo bem diferente do Brasil foi o clima frio, citado por 04 entrevistados, que muitas vezes tornava-se um desafio para estudantes acostumados com temperaturas de países tropicais. Mas todos alegaram que, apesar do clima frio ser um desafio não atrapalhou na realização de suas atividades diárias.

Um desafio enriquecedor foi a oportunidade de fazer estágio durante o intercâmbio estudantil. Dois dos 08 entrevistados tiveram e conseguiram alcançar esta oportunidade, conforme os relatos de Bianca e Laura. De acordo com os depoimentos, o maior desafio vivenciado durante a mobilidade foi o estágio internacional. Ambas ressaltam a importância que esta experiência de trabalhar em uma empresa internacional teve em seu crescimento pessoal e profissional.

O desafio maior foi o estágio. Depois de uns dois meses de estágio eu comecei a me soltar bem mais e me sentir mais segura. Aqui no Brasil eu já havia feito vários estágios, mas lá foi tudo diferente, então eu fui com a intenção de fazer o estágio, mas não tinha ideia se iria conseguir, então me considero uma aventureira, e foi melhor do que eu imaginava. O ambiente corporativo as vezes é bem complicado, muitas vezes todo mundo saía e me deixava sozinha lá na frente para atender os clientes que chegavam na empresa, e eu suava frio porque não sabia direito o que falar e tinha que atender telefone, mas foi muito bom, aprendi muito (BIANCA).

É possível notar que o estágio proporcionou um grande aprendizado para as estudantes, pois em algumas situações era necessário demonstrar segurança e amadurecimento que ainda estavam sendo adquiridos. Algo difícil em uma empresa internacional é a adaptação às diferenças culturais, conforme depoimento acima, onde os colaboradores demonstravam um comportamento exclusivamente profissional e não misturavam vida pessoal com profissional. As diferenças culturais proporcionam aos estudantes intercambistas o desenvolvimento de um entendimento mais profundo em relação aos conflitos do mundo, uma maior compreensão de outras culturas, aprimora as habilidades de comunicação intercultural, melhora na autoimagem pessoal e profissional e aprimoramento do idioma.

4.4 Benefícios percebidos com a mobilidade

Os entrevistados foram questionados sobre os benefícios adquiridos em virtude da mobilidade estudantil internacional. Nota-se que todos consideram a mobilidade com uma importante experiência de vida, que acrescentou bastante tanto no lado profissional como pessoal. Através do intercâmbio, o aluno consegue perceber que pode alcançar seus objetivos, mas para isso é necessário ter foco e determinação. Citaram como benefícios também o ganho de conhecimento, amadurecimento, novas amizades internacionais e diferentes formas de ver o mundo. Para Davi, a mobilidade ampliou sua experiência de vida:

Ganhei muita experiência de vida, maturidade, mais conhecimento na língua inglesa, independência, conhecimento que a gente nunca esquece. Fiz um curso marítimo em um cruzeiro, obtive informações sobre a área na qual eu trabalho que é a logística e um pouco de economia, então não tem nem como mensurar o ganho que tive (DAVI).

Craide e Silva (2012) afirmam que é necessário capacitar os profissionais e estudantes para o encontro e o convívio com as dificuldades e diferenças, para que consigam compreendê-las e muitas vezes aceitá-las. O convívio com a variedade plural cria a necessidade de um melhor entendimento do outro, de solucionar problemas e gerar novas oportunidades juntos, além de beneficiar a mobilidade externa e interna da sociedade (FREITAS, 2009).

Os estudantes perceberam mudanças ocorridas pós-mobilidade internacional. Em relação às mudanças que a mobilidade proporcionou nos entrevistados, algumas destacaram-se, como o fato de ter agregado valor na vida profissional de cada um, o que facilitou na hora de encontrar trabalho. Além disso, ressaltaram também maior habilidade em resolver conflitos e uma mudança na maneira de ver o mundo, alcançando assim, um crescimento pessoal.

O intercâmbio mudou um pouco a minha perspectiva de vida, o que eu gostaria de ser agora eu vejo de uma forma diferente e me ajudou a enxergar realmente como é o nosso Brasil, porque quando vivemos em outro país, a gente vê outra realidade, outra cultura, outra forma de organização da sociedade (RAFAELA).

Lima et al (2009) declaram que a mobilidade internacional amplia o capital intelectual e contribui para o desenvolvimento de competências valorizadas pelo mercado de trabalho conforme favorece o amadurecimento emocional dos jovens.

O crescimento pessoal e vivência internacional são alguns resultados alcançados por aqueles que decidem participar de um intercâmbio. Ademais, a vivência em outro país concede uma visão diferenciada sobre diversos assuntos, amplia o conhecimento, fornece autoconfiança e maturidade, qualidades que tornam o indivíduo mais interessante para o futuro empregador. Silva (2013) completa afirmando que, ao viver uma experiência internacional, o estudante precisa se adaptar a um país com outra cultura, outras realidades sociais e que possivelmente iniciará uma revisão de valores.

4.5 Lembranças importantes contadas pelos entrevistados

Os entrevistados reportaram cinco principais experiências mais importantes vivenciadas: a recepção na universidade, a adaptação à moradia, a locomoção, os laços de amizade e as marcas. A primeira experiência citada pelos entrevistados foi sobre a recepção na universidade escolhida para o intercâmbio.

De forma geral, os 08 entrevistados afirmaram que foram bem recebidos na instituição de ensino, é possível destacar que o fato das universidades de destino serem internacionais, haviam sempre vários intercambistas por perto, o que tornou a recepção mais fácil e acolhedora, pois muitos estudantes estavam na mesma situação. Além disso, os entrevistados citaram também a atenção dada a eles pelos representantes das instituições, principalmente nos primeiros dias de adaptação. Sietst conta que “Fui muito bem recebido, na época eles tinham um grupo de estudantes que ficava por conta dos alunos internacionais, um dos alunos chegou a nos buscar no aeroporto de Amsterdã e nos levou para onde a gente ia ficar, foram bem receptivos”.

Stallivieri (2003) ressalta que a internacionalização da educação é um dever justamente das universidades. Oferecer aos seus estudantes a possibilidade de experiências internacionais para que se tornem mais qualificados para o mercado mundial faz parte das atribuições das instituições que se propõem a obter os benefícios da internacionalização. Quanto à adaptação

na moradia, os depoimentos apontam que os entrevistados sentiram-se bem acolhidos e confortáveis em sua nova moradia. Rafaela, que morava com estudantes estrangeiros considerou a experiência divertida: “Foi bem legal e divertido a gente se conhecer depois, porque nos tornamos uma família, saíamos juntos, assistíamos filmes, cozinávamos juntos, nos tornamos um grupo bem unido” (RAFAELA).

Entretanto, três deles citaram desafios que enfrentaram, principalmente nos primeiros dias de adaptação, desafios esses que estão relacionados a diferenças e costumes culturais, conforme os depoimentos dos entrevistados, como é o caso de Washington que sentiu dificuldade em relacionar-se com uma das colegas: “dividi o apartamento com mais três pessoas, entre elas uma alemã, que foi a única que não me dei muito bem e as vezes havia alguns conflitos, pois ela era mais fria” (WASHINGTON).

Essa interação e convívio com diferentes costumes e culturas é enriquecedora. De acordo com Tomazzoni e Oliveira (2013), o intercâmbio proporciona experiência para ambas as partes, tanto para o indivíduo que vive outra realidade quanto para quem recebe. Em relação à vivência no país de destino, a locomoção foi algo bastante mencionada pelos entrevistados, que expressaram como era o deslocamento no país de destino. Os depoimentos apontam que os meios de transportes eram bastante diferentes do Brasil, alguns citaram tecnologias que tornavam a viagem mais agradável, como ar condicionado nos ônibus, assim como música, aquecedores, aplicativos que facilitavam o acompanhamento dos transportes. Algo interessante é o fato de deslocarem-se bastante a pé ou de bicicleta, algo que não é tão incentivado e respeitado no Brasil. Além disso, fica claro que a segurança contribui bastante para a utilização destes tipos de transportes, assim como a estrutura geográfica do país.

Para ir para a universidade tínhamos que pegar um ônibus, porque ela fica fora da cidade, os ônibus eram bem organizados e confortáveis, quando chegamos ainda estava no verão, então tinha ar condicionado nos ônibus, sinal de internet, tocava rádio dentro do ônibus. Quando começou o frio, havia o sistema de aquecedor, era bem diferente do que a gente vê aqui no Brasil, lá não tem cobrador dentro do ônibus, pagava para o próprio motorista ou passava o cartão na máquina. (RAFAELA).

Os laços de amizade também foram mencionados. Quando questionados sobre a interação com indivíduos de diferentes culturas, todos ressaltam o estabelecimento espontâneo de amizades com intercambistas de outros países que se encontravam na mesma situação.

Fiz bastante amigos porque na Europa como um todo tem um grupo que é responsável por acolher os estudantes Erasmus, lá essa associação era bem desenvolvida e eram muito competentes nisso, sempre tinha integração, toda semana tinha uma programação, tinha auditórios, reuníamos todo mundo para assistir filmes. Eram umas quarenta a cinquenta pessoas que se reuniam sempre, então isso ajudou muito, eu fiquei bem próxima de muita gente diferente, nós viajamos juntos (LAURA).

Segundo Freitas (2009), a mobilidade do indivíduo contribui para elevar seu capital simbólico, composto pelo capital cultural - conjunto de certificados, idiomas falados, maneira de se comunicar conhecimentos adquiridos - e capital social, que é formado pelas redes de relacionamentos do indivíduo ou grupo. Conforme os depoimentos, os estudantes entrevistados expressaram que fizeram amizades mais fortes entre os próprios intercambistas e não com os indivíduos nativos do país de destino. A maioria alegou que por estarem em um país diferente, com cultura e pessoas variadas e distintas, os estudantes em mobilidade estavam mais abertos ao diferente, ao novo e tornavam-se mais sociáveis e simpáticos, formando assim, uma espécie de comunidade.

Nós ainda pedimos aos estudantes que nos contassem sobre um evento que se tornou uma lembrança importante para eles. As lembranças estavam relacionadas, em sua maioria, com as viagens realizadas para conhecer outras cidades além daquela onde realizavam o intercâmbio. Nos oito depoimentos, os entrevistados retrataram aventuras, perrengues, encontro com desconhecido, a solidariedade e, novamente, os laços de amizade que foram criados nesse período. Natália conta que, ao viajar sozinha para Barcelona, perdeu o horário do ônibus de retorno e viu-se obrigada a ficar andando pelas ruas do centro na madrugada, o que ocasionou certo desconforto: “Às vezes viam alguns homens me chamando para sair, ir em festas, e eu não falava que era brasileira, porque eles iam achar que eu era prostituta, eu falava que era da Holanda” (NATALIA). Já Fernando conta a experiência de ser bem tratado pela família de um amigo do Marrocos e outro da Hungria:

Nós ficamos realmente impressionados com a solidariedade deles, como ele era um guia nos levou para conhecer o deserto, fizemos todo o percurso que ele costumava fazer com os turistas que ficam hospedados na casa dele. Aprendemos bastante, foi uma boa experiência. Na Hungria também ficamos hospedados na casa de uma família muito humilde, o que me impressionou foram essas pessoas tão humildes e tão solidárias, isso me deixou muito feliz e satisfeito, porque eu vi que não precisava gastar muito para ter uma boa experiência fora daqui, só de ficar na casa dessas famílias e conviver com a cultura deles já me agregou bastante (FERNANDO).

Lima e Nascimento (2012) afirmam que a mobilidade é uma experiência de sair de um mundo restrito e ampliar horizontes e conviver com culturas diferentes proporciona uma visão de mundo mais ampla, o que contribui para uma formação acadêmica e pessoal mais rica e diferenciada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos as experiências sociais e interculturais dos estudantes de administração da FAGEN/UFU no período de mobilidade estudantil internacional. Os resultados apontaram que as principais motivações identificadas durante as entrevistas foi o desejo de aprimorar a língua estrangeira e conhecer outros países e as principais expectativas citadas são: independência, viajar, conhecer o novo (pessoas e lugares), um nível de ensino mais elevado do que no Brasil e adquirir mais conhecimento.

Os desafios enfrentados pelos estudantes no período do programa de mobilidade foram a dificuldade com o idioma estrangeiro, a interação com os colegas de turma, a dificuldade em encontrar moradia, a saudade da família, as baixas temperaturas, as diferenças culturais e desafios com trabalho e estágio. Ao colocar-se em contato com uma cultura diferente da realidade em que está acostumado, é necessário que o estudante se adapte ao ritmo do país, ao estilo dos professores e dos novos colegas de turma. Permeia a saudade do país de origem e da família, que ocasiona quase sempre muitas lágrimas. Porém ao vivenciar uma experiência de mobilidade, o estudante permite-se sair da área de conforto em busca de novas experiências de vida.

Quanto aos benefícios da mobilidade estudantil percebidos pelos estudantes entrevistados, dentre aqueles que mais se destacaram foi o crescimento pessoal e profissional, o autoconhecimento e autoconfiança adquiridos, a ampliação do conhecimento, a transformação de uma visão mais ampla referente as coisas do mundo, a oportunidade de conhecer várias pessoas de diversas partes do planeta e o domínio do idioma estrangeiro. Nas entrevistas foram relatadas algumas histórias que marcaram a experiência de viver no exterior. Algo que chamou a atenção de alguns entrevistados foi a maneira como os indivíduos de outros países vivem, suas prioridades e forma de encarar a vida.

A mobilidade estudantil internacional proporciona o encontro com um cenário culturalmente diverso em relação àqueles de seu país de origem. Esse encontro entre culturas distintas no ambiente acadêmico torna-se positivo, visto que beneficia a diversidade de opiniões. Além disso, contribui para o desenvolvimento pessoal e formação acadêmico-profissional do estudante, conforme citado pelos próprios entrevistados.

De modo geral, as experiências sociais e interculturais dos estudantes são caracterizadas por laços de amizade, aventuras, o conhecimento, a fala negociada e os “perrengues”. Os laços de amizade criados nesse período foram mencionados e retratam o afeto e outros sentimentos que ajudaram nos momentos de desafio, como a saudade da família e as diferenças culturais. Os estudantes vivenciaram aventuras, aprenderam a se virar sozinhos, percebendo-se como pessoas capazes de responder aos problemas surgidos no cotidiano. O conhecimento adquirido não só na escola, mas, também nas situações vivenciadas no dia a dia contribui para a formação pessoal e profissional do estudante. Os estudantes, em um dos desafios mais citados, negociaram suas falas, nas tentativas de comunicarem com o idioma estrangeiro. Os “perrengues”, como citado por uma das entrevistadas, surgiram em diversos momentos de aperto.

As principais contribuições desta pesquisa residem em ampliar os estudos na área de mobilidade intercultural, e na compreensão de culturas diversas, visando atingir o respeito mútuo de diferentes culturas. Além disso, ao analisar as experiências internacionais vivenciadas por estudantes, este estudo contribui para a preparação de jovens estudantes relacionada a potenciais dificuldades e desafios na adaptação ao país estrangeiro. Finalmente, a pesquisa gera a oportunidade dos resultados contribuírem para a criação de projetos e políticas institucionais e governamentais para que os estudantes alcancem de forma satisfatória os possíveis benefícios da mobilidade internacional.

Destacamos algumas das principais limitações metodológicas desta pesquisa, tais como: (a) A técnica de entrevista semiestruturada apresenta como desvantagem o fato de provocar insegurança ao entrevistado em relação ao seu anonimato e, por causa disso, muitas vezes, o entrevistado retém informações importantes; (b) a subjetividade do pesquisador na interpretação das entrevistas; e (c) o método utilizado não permite a generalização dos resultados para outros contextos.

Considerando as limitações e lacunas da pesquisa, oferecemos uma agenda de pesquisa sobre o tema que considere: (1) pesquisar estudantes de outros cursos e outras universidades, com fins de comparação dos resultados; (2) utilizar outros métodos de pesquisa e técnicas projetivas visando aprofundar no campo das emoções dos estudantes; (3) realizar estudos comparativos entre mobilidade estudantil nacional e internacional; (4) pesquisar a relação entre a mobilidade e a formação acadêmica do administrador; e (5) pesquisar preconceitos e situações de constrangimento vivenciadas pelos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. Editora Ática, São Paulo: 1998.
- BARBLAN, A. Academic co-operation and mobility in Europe: how it was and how it will be. **Higher Education in Europe**, Brussels, v. 27, n. 1-2, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECK, U. **O que é Globalização?** Equívocos do globalismo. Respostas à globalização. Tradução André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CABRAL, T. L. O.; SILVA, J. E. O.; SAITO, C. E. Realidade do Intercâmbio e da Mobilidade Acadêmica na Universidade Federal De Santa Catarina. Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, 11, 2011. **Anais...** Florianópolis, 2011.

CONTEL, F. B.; LIMA, M. C. Aspectos da internacionalização do ensino superior: origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual. **INTERNEXT**, v.2, n.2, p.167-193, 2007.

CRAIDE, A.; SILVA, F. B. A mobilidade e a gestão intercultural nas organizações. - **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 6, n. 1, p. 105-123, jan./mar. 2012.

CRESSWELL, T. **On the move**. New York: Routledge, 2006. Disponível em: < <http://www.amazon.co.uk/dp/0415952565>>. Acesso em: 12 de jul.2015.

FERNANDEZ, B. **Identité nomade**. Paris: Anthropos, 2002.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, M. E. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? **O&S – Organizações e Sociedades**, v. 16, n. 49, p. 247-264, abr./jun. 2009.

GUIMARÃES, O. M. A Globalização do conhecimento: Uma análise da mobilidade estudantil internacional dos estudantes da UNESP – Campus de Franca. **Revista Camine - Caminhos da Educação**, Franca, v. 5, n. 2, p. 147-157, 2013.

HILL, A.; LYNCH, A.; DALLEY-TRIM, L. Positive educational responses to indigenous student mobility. **International Journal of Educational Research**, v. 54, p. 50-59, 2012.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

LIMA, A. M.; NASCIMENTO, E. Mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina: Relato de experiência. **Ágora**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 125-135, 2012.

LIMA, M. C. et al. Motivações da Mobilidade Estudantil entre os Estudantes do Curso de Administração. In: EnPQ, 2, 2009. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2009.

LUNA, J. M. F.; SEHNEM, P. R. Erasmus e ciência sem fronteiras: considerações iniciais sobre mobilidade estudantil e política linguística. RBP AE – **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 445-462, set./dez. 2013.

MAZZA, D. Mobilidade humana e educação: Os estudantes estrangeiros na UNICAMP. **Cadernos CERU**, v. 22, n. 1, p. 239-255, jun. 2011.

MURPHY; LEJEUNE, E. **The student experience of mobility, a contrasting score**. Students, staff and academic mobility in higher education. Cambridge: Newcastle, 2008.

SEBBEN, A. S. **Intercâmbio Cultural: Para entender e se apaixonar**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

SILVA, C. C. S. **Mobilidade Corpórea de estudantes internaiconais: as motivações do estudantes internacionais acolhidos por instituições de educação superior localizadas em São Paulo e Belo Horizonte**. 16ef. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração). ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2013.

SILVA, C. C. S.; LIMA, M. C. A Relevância das Novas Mobilidades e a Pertinência dos Métodos Móveis. In: EnANPAD, 37, 2013. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.

SPEARS, E. O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v.8, n.1, p.151-163, 2014.

STALLIVIERI, L. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior**. Educação Brasileira, Brasília, v. 24, n. 48-49, p. 35-57, 2003.

TOMAZZONI, E. L.; OLIVEIRA, C. C. Turismo de Intercâmbio: Perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 15, n. 3, p. 388-408, set dez 2013.